

VIDA EM DISCURSO: O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA INDIVIDUAL DE PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA

LIFE IN DISCOURSE: THE CONSTRUCTION WORK OF THE INDIVIDUAL IDENTITY OF STREET-DWELLING PEOPLE

VIDA EN DISCURSO: EL TRABAJO DE CONSTRUCCIÓN DE IDENTIDAD INDIVIDUAL DE PERSONA EN SITUACIÓN DE CALLE

Joao Batista da Costa Junior (UFRN)
jbjuniorassu@hotmail.com

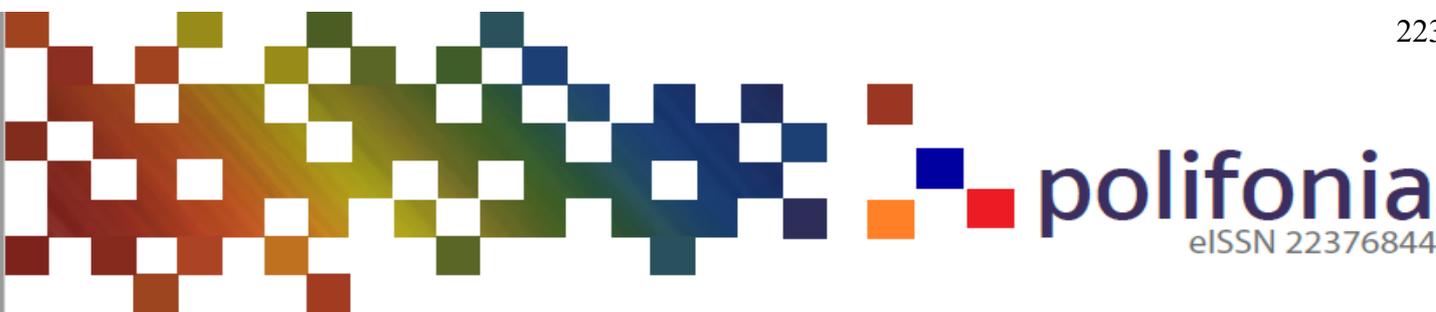
Resumo

Neste artigo, abordaremos uma discussão sobre vida em discurso sob a perspectiva crítico-discursiva. Para tanto, tomamos como tema de pesquisa o trabalho de construção identitária individual de pessoas em situação de rua na cidade de Natal/RN, consoante suas próprias histórias de vida, configuradas por narrativas do “eu”. Para construir a análise, fomos guiados pelos seguintes objetivos: discutir redes de socialização representativas do trabalho de construção identitária individual e apresentar percepções de cada indivíduo diante de sua inserção no fenômeno população em situação de rua. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), ancorando-se numa formatação interdisciplinar de fundamentos teóricos, respaldos na Linguística Aplicada, na Análise Crítica do Discurso, na Sociologia para a Mudança Social, nos estudos sobre identidades e na Linguística Sistêmico-Funcional. O objeto de análise se constituiu de duas histórias de vida. Conforme as principais descobertas do estudo, salientamos que a construção identitária individual de pessoas em situação de rua em Natal/RN compreende um trabalho do indivíduo enquanto sujeito de si mesmo frente à construção de identidade de resistência, identidade de projeto e identidade política. Portanto, destacamos que essas identidades revelam uma vontade ontológica direcionada à emancipação do sujeito em situação de rua, um sujeito politicamente consciente de seus direitos e deveres que caminha em direção ao seu empoderamento cidadão.

Palavra-chave: população em situação de rua, história de vida, identidade individual.

Abstract

In this paper, we address a discussion on life in discourse from a critical discursive perspective. For this purpose, as a research theme, we take the construction work of the individual identity of people living on the streets in the city of Natal / RN, according to their own life stories, configured by narratives of the “I”. To construct the analysis, we were guided by the following objectives: to discuss socialization networks representative of the individual identity construction work and to present each individual's perceptions regarding their insertion in the



street-dwelling population phenomenon. Methodologically, it is a qualitative research (descriptive and interpretive) with an interdisciplinary format of theoretical framework, supported by Applied Linguistics, Critical Discourse Analysis, Sociology for Social Change, studies on identities and Systemic Functional Linguistics. The object of analysis consisted of two life stories. In accordance with the main findings of the study, we emphasize that the individual identity construction of street-dwelling people in Natal / RN comprises their individual work as subjects of themselves in the face of the construction of resistance identity, project identity and political identity. Therefore, we highlight that these identities reveal an ontological will directed towards the subject emancipation on the streets, a subject who is politically aware of his rights and duties and moves towards his citizen empowerment.

Key words: street-dwelling population, life story, individual identity

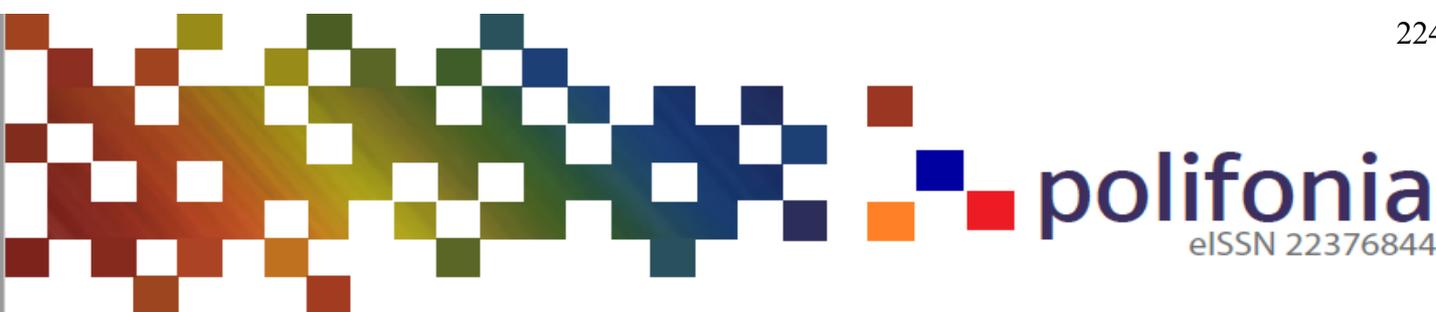
Resumen

En este artículo, abordaremos una discusión sobre la vida en el discurso desde una perspectiva crítica-discursiva. Para este propósito, tomamos como tema de investigación el trabajo de construcción de identidad individual de personas que viven en las calles de la ciudad de Natal/RN, de acuerdo con sus propias historias de vida, configuradas por narrativas del "yo". Para construir el análisis, nos guiamos por los siguientes objetivos: discutir redes de socialización representativas del trabajo de construcción de identidad individual y presentar las percepciones de cada individuo con respecto a su inserción en el fenómeno población en situación de calle. Metodológicamente, es una investigación cualitativa (descriptiva e interpretativa), anclada en un formato interdisciplinario de fundamentos teóricos, con el apoyo de la Lingüística Aplicada, en el Análisis Crítico del Discurso, en la Sociología para el Cambio Social, en los estudios sobre identidades y en la Lingüística Sistémica-Funcional. El objeto de análisis consistió en dos historias de vida. De acuerdo con los principales hallazgos del estudio, enfatizamos que la construcción de la identidad individual de las personas en situación de calle en Natal/RN comprende un trabajo del individuo como sujeto de sí mismo frente a la construcción de identidad de resistencia, identidad de proyecto e identidad política. Por lo tanto, destacamos que esas identidades revelan una voluntad ontológica dirigida hacia la emancipación del sujeto en situación de calle, un sujeto políticamente consciente de sus derechos y deberes que se está moviendo hacia su empoderamiento ciudadano.

Palabras clave: población en situación de calle, historia de vida, identidad individual.

1. Introdução

O fenômeno população em situação de rua tem despertado um olhar crítico de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, a saber, Sociologia, Antropologia, Psicologia, para citar algumas. Neste estudo, damos ênfase ao posicionamento crítico-discursivo dos estudiosos da linguagem, sobretudo, os filiados à Lingüística Aplicada e à Análise Crítica do Discurso, áreas de saberes transdisciplinares, preocupadas em contribuir com possíveis alternativas sociais inerentes a sujeitos em posição de exclusão, considerando-



os como sendo capazes de interpretar e reinterpretar o mundo a sua volta por meio da reflexão pautada no eixo linguagem e sociedade.

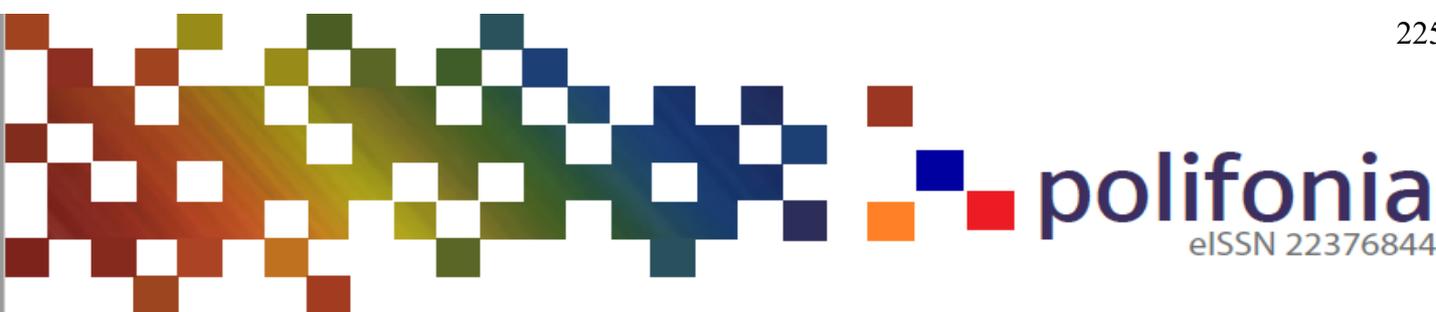
Diante dessa reflexão, abordamos que neste artigo nosso objeto de estudo é a construção da identidade individual de pessoas em situação de rua na cidade de Natal/RN. Destacamos também que esta pesquisa compreende um empreendimento científico advindo dos resultados de nossa tese de doutoramento intitulada “Histórias de vida de pessoas em situação de rua em Natal/RN: fotografias do trabalho de construção identitária individual” bem como das reflexões oriundas da ação de extensão “A rua como agência de letramento: ressignificação de práticas de leitura e escrita junto à população em situação de rua em Natal/RN”, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Os embasamentos teórico-metodológicos que sustentam este estudo se inscrevem numa formatação interdisciplinar oriunda de discussões advindas da Linguística Aplicada (LA), dos constructos teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), especificamente sua Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), da Sociologia para a Mudança Social, dos estudos sobre identidades e da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), contemplada na discussão sobre o Sistema de Transitividade.

Destacamos que, metodologicamente, esta investigação foi subsidiada pela proposta metodológica da ACD, ancorando-se na abordagem qualitativa em sua perspectiva descritiva e interpretativa (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; RAMALHO e RESENDE, 2011).

A constituição do objeto de análise, as histórias de vida, deu-se por meio da aplicação da oficina “Linguagem e Identidade: Letras na rua”, realizada durante o “II Seminário Potiguar de População em Situação de Rua: força que denuncia as violações de direitos e anuncia a vida nas ruas”, promovido no período de 01 a 03 de dezembro de 2014, nas dependências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte(IFRN), Unidade de Ensino da Cidade Alta, Natal, RN.

A oficina integrou o conjunto de atividades vivenciadas naquele momento de debate e sua proposta pautou-se em breve discussão sobre linguagem como objeto de construção de identidade de pessoas em situação de rua, análise de texto de autoria de pessoas em situação de rua e produção de histórias de vida sobre identidade de pessoas que viveram ou estão em situação de rua em Natal/RN. As histórias foram construídas/narradas pelos próprios colaboradores desta pesquisa.



O momento mais simbólico e reflexivo da oficina diz respeito à etapa das produções das histórias de vida. Nesse momento, a oficina contemplou a produção de histórias tendo como autoria as próprias pessoas em situação de rua, público da oficina. As histórias, previamente, foram discutidas e analisadas coletivamente, estabelecendo, assim, uma roda de conversa.

O ponto norteador da produção das histórias foi a chamada conversacional “Conte para mim”. Com essa chamada convidativa, os colaboradores foram orientados a produzir suas próprias histórias de vida, focando aspectos que considerassem relevantes sobre as motivações que contribuíram para que chegassem à situação de rua, como se esforçam para administrar essa situação e até mesmo para superá-la.

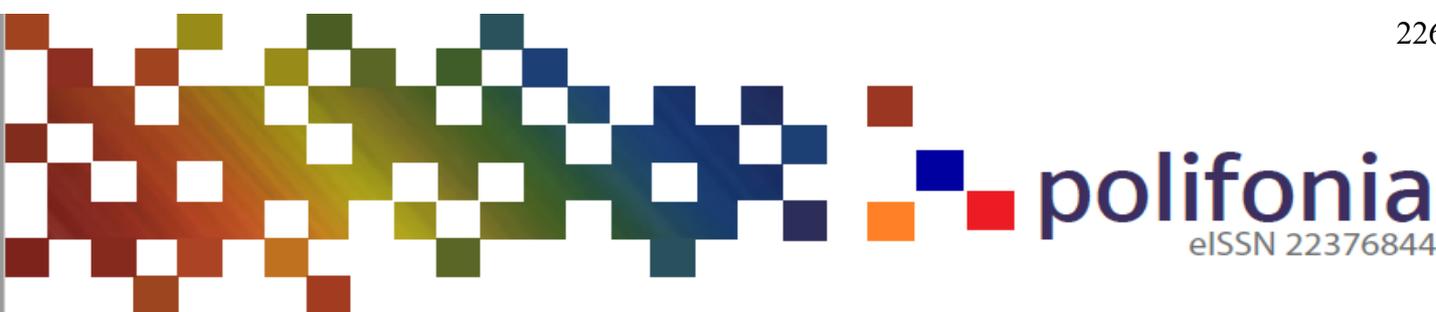
Em relação aos aspectos composicionais deste artigo, destacamos que ele se constitui desta introdução, de uma discussão voltada aos pressupostos teórico-metodológicos numa dimensão interdisciplinar, de uma seção destinada à análise das histórias de vida e, por último, de uma breve explanação inerente às principais descobertas desta investigação sob a denominação de considerações finais.

2. Pressupostos teórico-metodológicos numa dimensão interdisciplinar

As ideias que configuram esta seção ensejam uma discussão de natureza teórica de dimensão interdisciplinar, marcada por um posicionamento crítico diante da relação entre linguagem e mundo social. Partindo do pressuposto de que as pesquisas realizadas dentro da LA se configuram pelo intercruzamento de abordagens teóricas, cujo foco de interesse compreende o uso da linguagem nas práticas sociais, os pressupostos teóricos apresentados aqui contemplam a linguagem enquanto prática social (FAIRCLOUGH, 2006, RESENDE, 2009).

2.1 A Linguística Aplicada

Na modernidade recente, a LA, em sua perspectiva inter/transdisciplinar, configura-se como uma área de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes abordagens



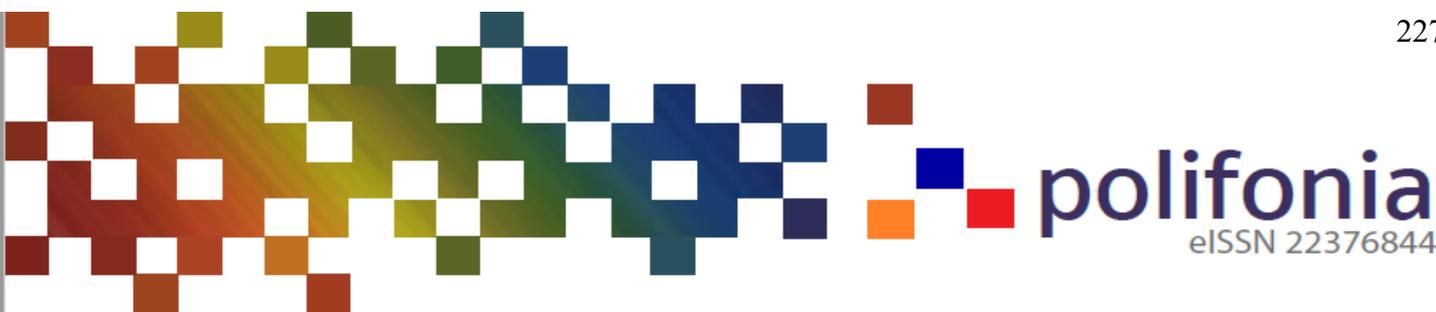
disciplinares. Adentrando no campo movediço da vida social, as pesquisas em LA problematizam e almejam discutir como “a linguagem, os textos, as línguas e as pessoas movem-se, cada vez mais, em sociedades hipersemiotizadas, o que tem levado a pensar as línguas, a linguagem e quem somos no mundo social em outras bases” (MOITA LOPES, 2013, p. 16).

O estudo voltado para as práticas sociais, mediante o olhar para a linguagem que as constitui, contribui com a vida humana contemporânea. Sendo a LA uma área que problematiza o uso da linguagem na prática social, para lidar com os desafios contemporâneos, ela busca legitimar conhecimentos relacionados a grupos minoritários. Para tanto, busca contribuir/compreender os modos de vida, identidade, raça, gênero, sexualidade dentre outras demandas.

A perspectiva inter/transdisciplinar da LA constitui um campo metodológico multifacetado, que pode intersectar diferentes campos do saber, a depender da especificidade da investigação, na intenção de produzir conhecimento que se preocupa com a vida social, conhecimento pautado em alternativas sociais e nas vozes das minorias. Esse foco da LA empreende investigação voltada à linguagem enquanto prática social e adentra em novos percursos de modo que o conhecimento se torne responsivo à vida social por meio da investigação de temas referentes a sujeitos excluídos (MOITA LOPES, 2006). Essa perspectiva de investigação científica também é foco da ACD, sobre a qual passaremos a discorrer.

2.2 Análise Crítica do Discurso: entre o mundo social e a linguagem

A ACD compreende um arcabouço teórico-metodológico filiado aos preceitos epistemológicos da teoria e da análise em ciência social crítica. Sua agenda científica engloba questões inerentes à prática social e discursiva, concebendo linguagem (discurso) como elemento significativo à vida em sociedade, elemento que se articula a outros não discursivos, estabelecendo, assim, uma relação de natureza dialética entre discurso e estrutura social. O projeto emancipatório da ACD busca consolidar um quadro teórico-metodológico, uma perspectiva de teoria social do discurso (MAGALHÃES, 2001).



A respeito da ACD, Castro Zambrano (2015) comenta que ela é mais do que um mero método de investigação, constituindo-se por uma atitude crítica votada para as práticas de relações de poder, cujo foco de investigação está engajado na análise de textos que instanciam abuso de poder, discriminação e desigualdade. Esse pensamento da autora contribui para que possamos fortalecer a ideia de que a ACD pode contribuir muito com estudos inerentes às práticas discursivas de pessoas em situação de rua.

Sob esse enfoque, ideologia, hegemonia e poder são termos que estão articulados na configuração teórica da ACD, uma vez que “as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

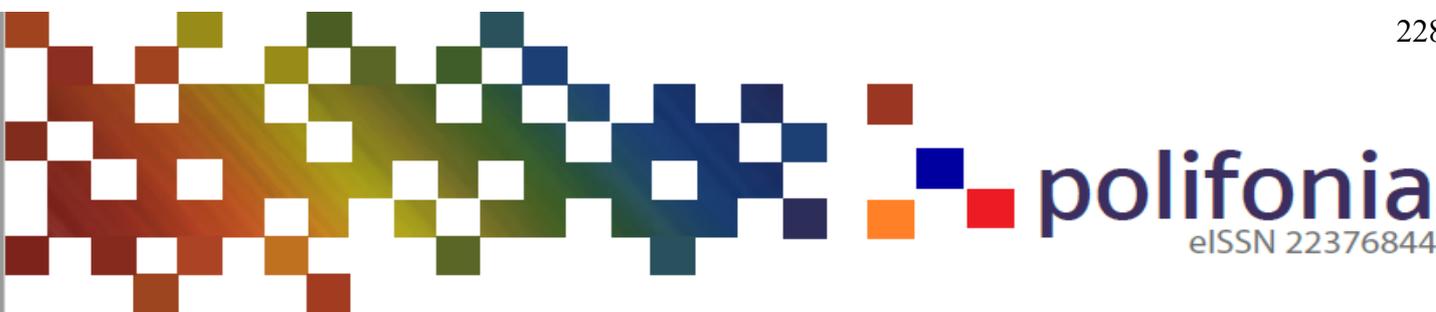
No contexto de nossa pesquisa, adotamos a concepção de ideologia proveniente da abordagem da teoria social crítica de Thompson (2002), que a considera como formas simbólicas, as quais são “um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (THOMPSON, 2002, p. 79).

O posicionamento de Thompson (2002) dialoga com o pensamento de Fairclough a respeito de ideologia, a saber:

As ideologias são construções/significações da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

A discussão sobre ideologia caminha na direção de dois termos também imprescindíveis à ACD: hegemonia e poder. Quanto a eles, a ACD assume uma postura que os correlaciona. A hegemonia, conforme entendida pela teoria da ACD, constitui um foco de luta sobre pontos de instabilidade entre as classes e os blocos dominantes, com o objetivo de construir, sustentar ou, ainda, quebrar alianças e relações de dominação e subordinação, tomando formas econômicas, políticas e ideológicas (MAGALHÃES, 2001).

Fairclough destaca que “hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 122). Por meio das lutas hegemônicas, os agentes e instituições sociais vão construindo relações e lutas sociais, agenciando valores, novos eventos e práticas sociais



representativas de estrutura também social, uma vez que a vida social se processa em redes, por meio de relações de poder. Há sempre uma voz, um discurso influente suplantando modelos econômicos e culturais para a orientação da produção discursiva.

Na visão de Fairclough,

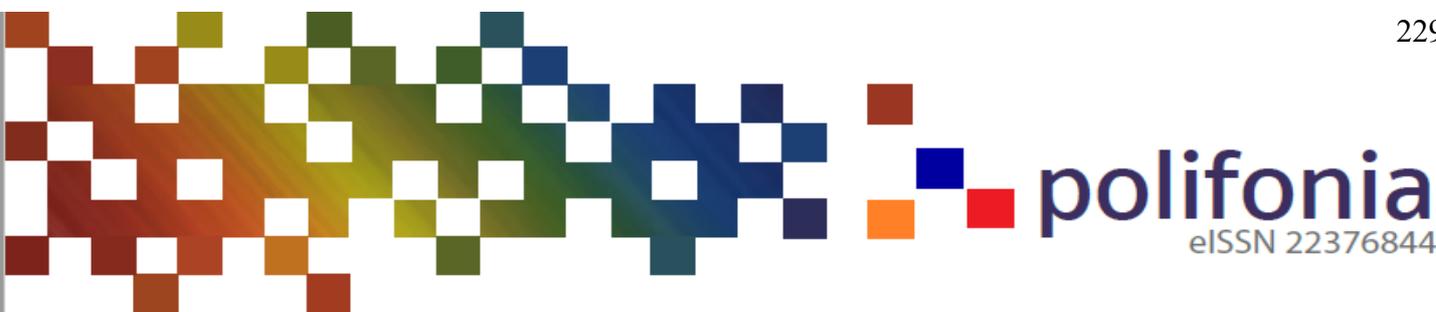
Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável' (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Associando o conceito de poder ao de hegemonia, compreendemos que poder para a ACD relaciona-se à competência que as pessoas e as instituições representadas por elas têm para agir em algum contexto social, fazendo, para tanto, uso de alguma forma simbólica. Segundo Fairclough (2001), as estruturas sociais são reproduzidas ou transformadas, dependendo do estado das relações, do equilíbrio de poder entre os que estão em luta num domínio sustentado por prática particular, materializada em atividades discursivas, sendo elas foco de interesse da ACD.

Há, no escopo teórico da ACD, a abordagem de uma Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 2003), concentrada em “desenvolver uma descrição, explicação e interpretação dos modos como os discursos dominantes influenciam, indiretamente, o conhecimento, os saberes, as atitudes, as ideologias, socialmente partilhadas” (PEDRO, 1998, p. 30).

O foco de atenção para com as questões de linguagem de natureza social processa-se por meio do aspecto metodológico denominado de Análise de Discurso Textualmente Orientada – ADTO - partindo da compreensão de que os dados textuais/linguísticos carregam significados à vida social, favorecendo maior explanação dos problemas sociais e discursivos. Nessa dimensão de trabalho de investigação, as pesquisas discursivas críticas em ACD articulam uma abordagem analítica mais acurada dentro de uma configuração interdisciplinar.

Diante dessa perspectiva, o analista crítico do discurso deve eleger categorias analíticas que possam orientar as motivações e inquietações correlacionadas ao projeto de investigação que ele desenvolve, colocando o texto como principal material empírico da relação entre linguagem e sociedade.



A esse respeito, destacamos que neste estudo as categorias analíticas que adotamos advêm da LSF, área de estudo das línguas naturais com a qual a ACD estabelece diálogo. Para proceder à análise das duas histórias de vida, acionamos o Sistema de Transitividade apresentado no escopo da LSF.

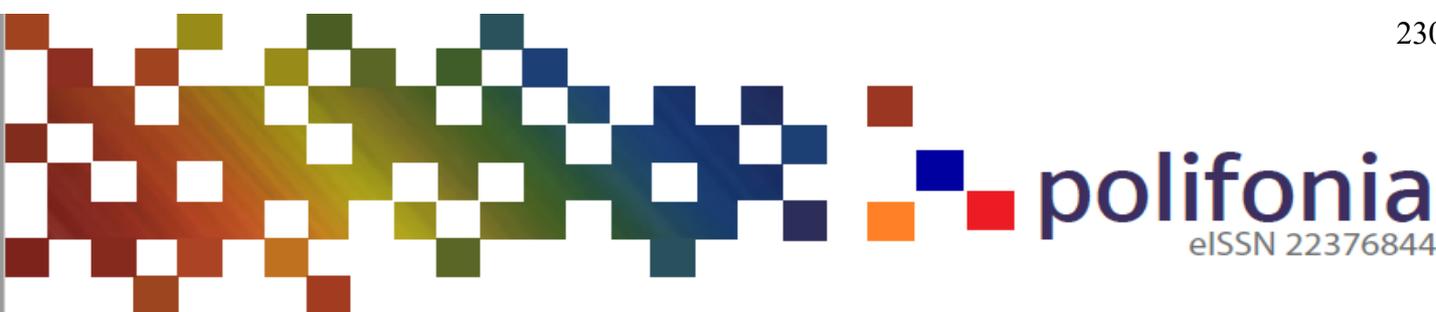
Inscrita nos postulados epistemológicos do Funcionalismo em Linguagem, a LSF operacionaliza constructos teóricos que abarcam a funcionalidade do sistema gramatical das línguas naturais, sob o ponto de vista de uma Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), conforme apontam Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004). Essa Gramática recebe essa denominação posto que

É **sistêmica** porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas/grafológicas. É **funcional** porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos (FUZER e CABRAL, 2010, p. 9).

O Sistema de Transitividade, ancorado na GSF, corresponde a uma categoria gramatical relacionada à metafunção ideacional, esta usada para representar as ideias, a experiência humana, ou seja, experiências do mundo real, inclusive do interior de nossa consciência (CUNHA e SOUZA, 2011).

No Sistema de Transitividade, há seis tipos de processos através dos quais o ser humano representa suas experiências no mundo: materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais e existenciais. Os três primeiros são tidos como principais e os três seguintes como sendo secundários (CUNHA e SOUZA, 2011). Para o estudo das histórias de vida, tomamos esses processos como as categorias analíticas.

De maneira sucinta, conforme Cunha e Souza (2011), processos materiais estão relacionados ao fazer que constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Os processos mentais dizem respeito à apreciação humana do mundo, através dos quais é possível detectar que crenças, valores e desejos estão representados em um dado texto. Os processos relacionais estabelecem uma conexão entre entidades, identificando-as ou classificando-as, na medida em que associam um fragmento da experiência a outro. Os processos relacionais podem ser atributivos ou identificadores. Já os processos verbais são do comunicar, do apontar, situam-se entre os relacionais e os mentais, configurando relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem. Os processos



existenciais representam algo que existe ou acontece, e os processos comportamentais, situados entre os processos materiais e mentais, são responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades psicológicas, como ouvir e assistir; atividades fisiológicas, como respirar, dormir; e verbais como conversar e focar.

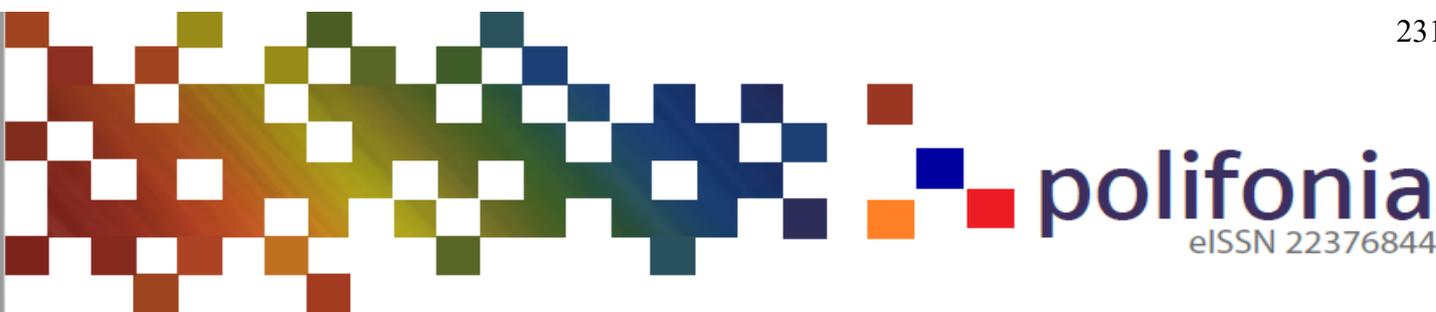
Olhando especificamente para o Sistema de Transitividade e sua relação com o nosso objeto de estudo, destacamos que os processos abordados nas histórias de vida conferem possibilidade de análise direcionada à maneira como as pessoas em situação de rua representam ações e eventos ligados ao trabalho de construção identitária (processos materiais), representam suas percepções (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito e visões de mundo diante desse trabalho (processos mentais) e identificam e caracterizam suas relações nesse trabalho (processos relacionais), fomentando uma análise crítico-discursiva textualmente orientada.

Ainda sobre a ACD, é pertinente destacar que se ramifica em várias correntes/abordagens de investigação. Em nossa investigação, ancoramos nossa pesquisa na ASCD. Em suas postulações e filiações teóricas, a ASCD assume uma ordem transdisciplinar, cujo foco de interesse são as mudanças sociais, culturais e discursivas por meio da linguagem, efetivando pesquisas inerentes ao sujeito, à identidade e aos atores sociais (PEDROSA, 2014).

O projeto emancipatório da ASCD se localiza num quadro de conexão com outras áreas do conhecimento, a saber, a Sociologia para a Mudança Social, a Comunicação para a Mudança Social e os Estudos Culturais. Nesta pesquisa, o nosso interesse volta-se à Sociologia para a Mudança Social para melhor subsidiar uma compreensão sobre o trabalho de construção identitária individual.

2.3 Sociologia Aplicada para a Mudança Social e o trabalho de construção identitária individual

A filiação da ASCD com a Sociologia para a Mudança Social delinea-se a partir de uma abordagem teórica que aponta uma fecunda discussão sobre um paradigma que lança lentes de explicação à construção identitária, atrelado ao que Bajoit (2008) chama de mudança sociocultural.



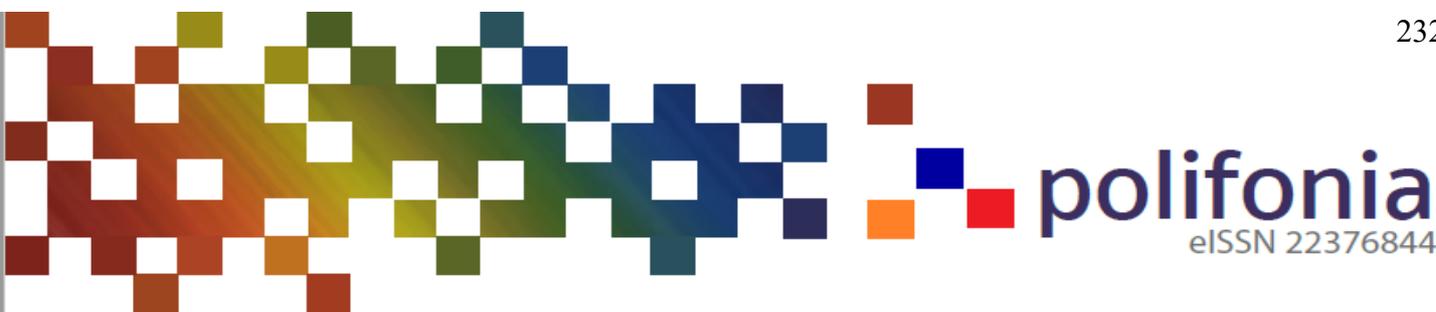
A teorização de Bajoit (2008) sobre mudança sociocultural evoca o papel social ativo dos atores diante dos objetivos que pretendem alcançar no processo de interação com seus pares, fato imprescindível à construção identitária. O autor destaca que, de maneira individual ou coletivamente, “esta busca da realização da identidade pessoal obedece a motivações que são ao mesmo tempo conscientes e inconscientes, e as ações que delas resultam são tanto voluntárias como involuntárias” (BAJOIT, 2008, p. 252).

Em Tejerina (2010), também podemos visualizar um debate sobre a construção da identidade. O autor deixa bem claro que o conceito de identidade individual diz respeito à uma combinação de três processos diferentes. Em primeiro lugar, a identificação do meio em que circunda um indivíduo, que é um processo constante desde os primeiros momentos de vida. Em segundo lugar, ao mesmo tempo que identificamos o meio, somos identificados por ele. A sociedade nos define em função de nosso gênero, origem, idade ou classe social. A terceira fase desse processo é a identificação com o meio: amigos, parentes, colegas, ídolos.

Na mesma esteira de discussão que contempla as relações sociais como palco para o enredo da construção de identidades, Bajoit (2006) aponta que é através da prática das relações sociais que os indivíduos socializam-se e constroem as suas identidades coletivas, que, por seu turno, são atravessadas por tensões existenciais que os indivíduos geram para construir a sua identidade pessoal. O autor argumenta que “é o trabalho de construção das identidades individuais que constitui o princípio central de explicação das condutas sociais” (BAJOIT, 2006, p. 173).

Para Bajoit, “a identidade pessoal é o resultado, sempre provisório e evolutivo, de um trabalho do ser humano sobre si mesmo, a que chamamos ‘trabalho do sujeito’ ou ‘autogestão relacional’ ou, ainda, ‘trabalho de construção identitária’” (BAJOIT, 2006, p. 174). Esse trabalho realizado pelo ser humano, dada a sua transitoriedade, perpetua-se pelas crises e dúvidas por que passam os sujeitos, desembocando em anseios e perspectivas que eles pretendem alcançar por meio da mobilização de “recursos” (materiais e psíquicos) à sua disposição.

Nessa perspectiva, Bajoit chama atenção para o mal-estar identitário, o qual está ligado às condições que geram fragilidades aos indivíduos, levando-os a refletir sobre o seu destino social com o qual se engajaram. Ainda segundo o autor, podemos entender por mal-



estar todo o sofrimento que provoca o aumento da tensão existencial fruto das expectativas insatisfeitas, não realizadas no cerne das práticas de socialização.

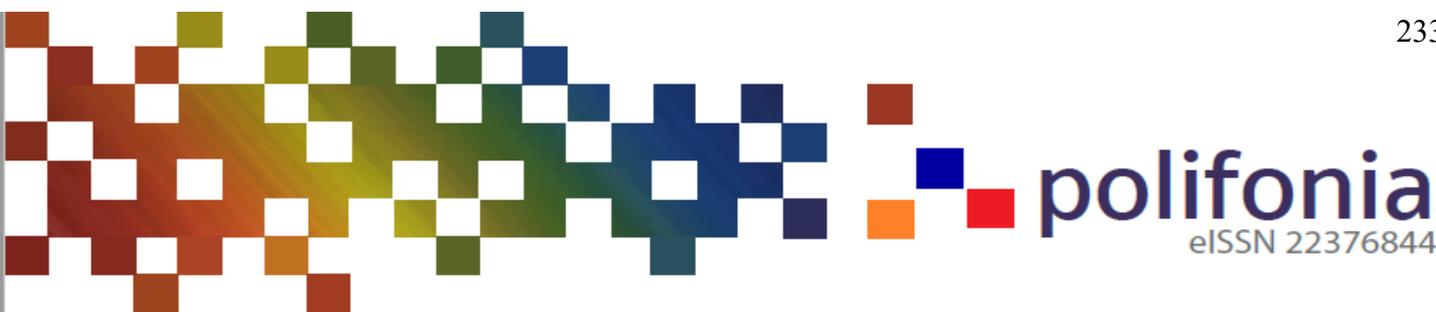
O mal-estar ocorre quando certas condições comprometem cada vez mais a conjugação da realização pessoal e o reconhecimento por parte dos outros indivíduos. É exatamente o surgimento do mal-estar que coloca o indivíduo numa posição desafiadora, ele precisa assumir atitudes que gerem a condição de ser sujeito de si mesmo. Isso exige dele a capacidade de questionar suas condições de vida e promover novas condições para construir sua identidade.

Na posição de indivíduo sujeito de si mesmo, novos projetos de vida são construídos. Há maior engajamento com questões ético-políticas que podem legitimar novas posições sociais. Há também um desejo maior para com o comprometimento e a cooperação voltados a causas coletivas. Nessa condição, o indivíduo se constitui como sujeito ativo, de ação, problematizando e questionando sua convivência social mediante à construção de narrativa identitária que lhe permite projetar o futuro e aliviar suas tensões existenciais.

Bajoit (2012) destaca que, nas narrativas, o sujeito dispõe de duas capacidades psíquicas para agir: capacidade reflexiva e capacidade expressiva. Por meio dessas capacidades, o sujeito interpõe sobre as amarras estruturais (sociais e culturais), sobre as suas relações e as suas condutas, posto que ele gere o seu condicionamento, decide, em parte, o que faz, diz, pensa e até mesmo o que sente, produzindo narrativas do “eu”. As narrativas do “eu” podem ser classificadas em: narrativas de compreensão e narrativas de alívio.

Nas narrativas de compreensão, o indivíduo busca compreender, explicar para si mesmo o que lhe aconteceu, racionalizando as suas tensões existenciais e tomando consciência das forças embutidas no seu inconsciente. Por meio da racionalização, ele pode justificar que as razões de suas tensões existências não são de sua responsabilidade, atribuindo-as aos outros, à natureza humana ou a forças incontrolláveis. Quanto à consciência, ele situa em si mesmo os motivos das tensões, invocando seja um traço inato seja um traço adquirido pela prática das suas relações sociais.

Sob a ótica do mesmo autor, nas narrativas de alívio, o indivíduo objetiva realizar uma avaliação do seu mal-estar, levantando a possibilidade de desistir de satisfazer as expectativas relacionais com as quais se sente frustrado, de compensar a insatisfação de uma pela satisfação da outra ou de perseverar no seu esforço para obter o que ele espera.



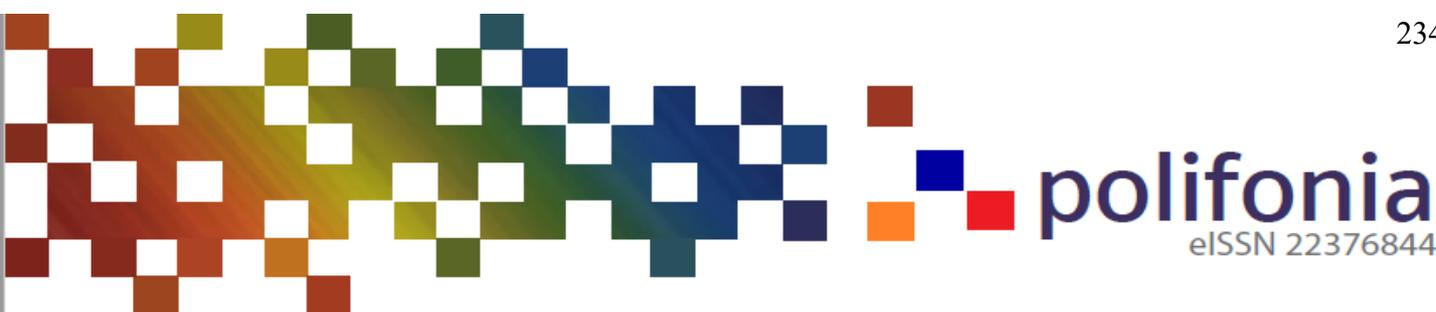
As narrativas do “eu” figuram-se como atividades mentais (FAIRCLOUGH, 2006), utilizadas pelos sujeitos para refletir sobre as condições que fragilizam a sua identidade, que produzem mal-estares identitários; são atividades que os incitam a questionar o seu destino social no qual estão engajados.

3 Vida em Discurso: a construção de identidade individual de pessoa em situação de rua

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados, considerando as dimensões simbólicas das histórias de vida de cada sujeito. Ressaltamos que cada história traz um título, na forma de pseudônimo, criado por nós. As motivações para a escolha do pseudônimo advêm das próprias características dos colaboradores, reveladas na configuração macro das histórias de vida, constituindo uma interpretação nossa. Ainda destacamos que as histórias foram analisadas por fragmentos textuais, os quais chamamos de narrativas do “eu”, porém, sua progressão discursiva foi mantida. Para a escolha das duas histórias de vida, adotamos como critério a aproximação discursiva entre as histórias, a qual potencializa significados inerentes a especificidade deste estudo.

3.1 Semeador de Sonhos

Há mais ou menos 29 anos, eu tinha 12 anos, eu fazia a sexta série, eu morava no Amarante, e minha mãe faleceu e como é difícil né quando temos a mãe como uma bússola, nós quando perdemos ela, a gente fica sem um direcionamento. Nesse mesmo ano, eu já não estudei mais, eu parei de estudar, nesse mesmo ano eu fui reprovado. Com três meses que ela tinha falecido, meu pai simplesmente conheceu uma viúva de São Gonçalo, e ele se juntou com ela. E ela fez com que ele vendesse nossa casa ao genro dela, e fomos morar na casa dela em São Gonçalo do Amarante. Qual terrível foi essa situação, porque ao chegarmos lá, papai bancava tudo, porque ele vendia peixe, mas ele viaja na segunda e só voltava na sexta, nós comíamos por último, nós não podíamos assistir televisão eu e meus quatro irmãos, nós éramos tratados como bichos, como lixo, nós apanhávamos dele porque ela inventava história. E um ano depois, depois de apanhar muito, eu decidi, rapaz, eu vou embora daqui, porque não vou ficar aqui apanhando. Nós não tínhamos nenhuma liberdade por causa dessa madrasta. Então, fui embora, fui morar nas ruas de Natal, ali mais precisamente na catedral metropolitana, na época estava em construção ainda, eu fiquei dormindo lá. Depois disso, passei 27 anos andando nas ruas de Natal, morei em vários locais.



A primeira história de vida, cujo sujeito é identificado por nós como Semeador de Sonhos, organiza-se em narrativas do “eu” de racionalização e perseverança (BAJOIT, 2012).

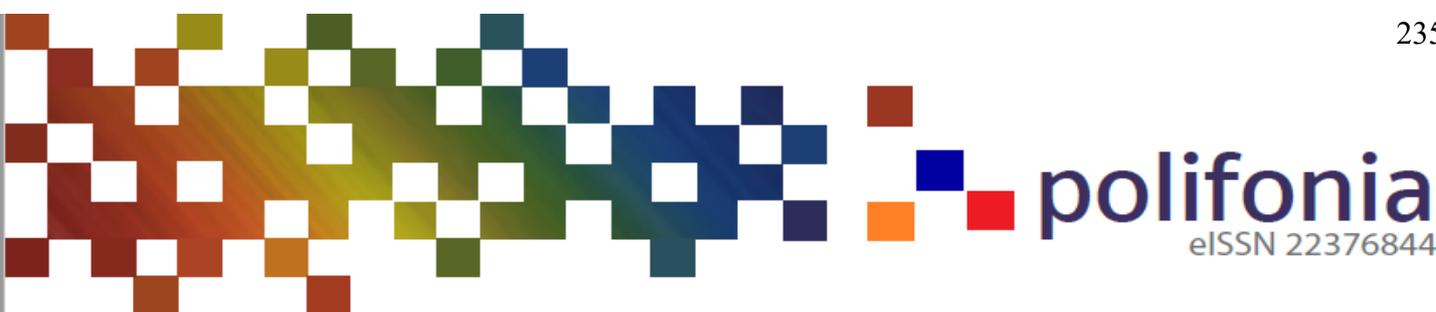
Conforme discussão a partir de Bajoit (2012), essas narrativas do “eu” figuram uma linha de fuga constante das amarras sociais que criaram tensões no autor e desembocam num engajamento de um destino social quando ele gera, num trabalho constante, sua identidade individual.

Nesse primeiro contexto da história, Semeador de Sonhos produz uma narrativa de racionalização (BAJOIT, 2012), atribuindo a responsabilidade à sua família em relação a sua ida para as ruas. A atribuição dada à família é fundada sobre a relação de desavença e gera nele, Semeador de Sonhos, a tomada de uma decisão, marcada por um destino de incertezas, mas sendo considerado como uma opção diante da insatisfação perante seu relacionamento com membros de sua família. A atitude de sair de casa e ir para as ruas pode ser explicitada na passagem textual “eu decidi, rapaz, eu vou embora daqui, porque não vou ficar aqui apanhando”.

As expressões “daqui” e “aqui”, empregadas na narrativa do “eu” constituem dêiticos que semanticamente se remetem à noção de espaço, as quais circunstanciam o processo mental “decidi”, o processo material “vou”, demarcando uma ação discursiva do sujeito que referencia o lugar no qual se encontra incomodado, não aceitando mais o tratamento que recebera no seio familiar. Segundo Bajoit (2006), esse momento da história de Semeador de Sonhos nos revela a quebra de expectativas relacionais no contexto familiar, fato que o levou a viver um mal-estar, entendido como “tensão-existencial”.

As práticas de relações sociais situadas no âmbito da esfera familiar incitaram o sujeito a engajar-se num destino social, o que pode ser constatado por meio do complexo oracional “E um ano depois, depois de apanhar muito, eu decidi, rapaz, eu vou embora daqui, porque não vou ficar aqui apanhando”. Nesse complexo de orações, o processo mental “decidi” marca o que o autor acredita fazer para libertar-se das relações conflituosas com a família. Logo, tenta mudar seu destino social, não aceita mais ser vítima de violência familiar.

Diante do processo mental “decidi”, compreendemos que o sujeito interpõe, nesse primeiro momento, a sua consciência intuitiva para refletir sobre as amarras sociais que o fragilizam, ou seja, as amarras associadas às suas relações com sua família, tomando a

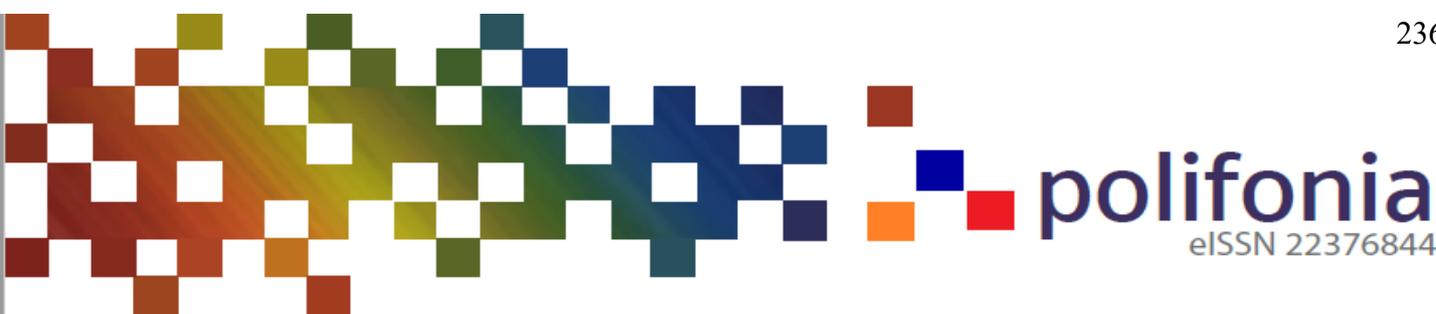


iniciativa de ir para as ruas, iniciativa expressa na oração “Então, fui embora, fui morar nas ruas de Natal”. Nessa oração, temos processos materiais, cujo ator é o próprio sujeito, que ressoam em atitudes de perda, ruptura e desespero.

A tomada de decisão bem como a própria ação, as quais confirmam o seu destino às ruas, corroboram para a percepção de que o indivíduo Semeador de Sonhos passa a ser plenamente sujeito de si mesmo, orientando-se pela própria consciência para dar sentido às suas condutas, obedecendo ao seu instinto e à sua inteligência. Podemos perceber que Semeador de Sonhos constrói uma narrativa do sujeito, posto que explica para si o seu mal-estar identitário e projeta o que considera fazer para aliviá-lo.

Na sequência da história de vida de Semeador de Sonhos, passemos a analisar as narrativas do “eu” que o posicionam frente suas vivências nas ruas, após a tomada de decisão de sair de casa.

Um morador de rua é um guia turista por natureza, pois ele conhece toda a cidade, por andar muito. Eu perambulei por vários lugares, em todos os lugares de Natal eu andei. Faz parte da população em situação de rua ainda a discriminação, a violência, o preconceito, a fome, porque ainda é um público invisível, infelizmente. Mas percebo que está mudando, aos poucos esta mudando, tem gente aparecendo com uma visão diferente. Não foi fácil sair das ruas. Tudo começou quando há 02 anos, quando o pessoal do CRDH junto com a UFRN realizou um evento “Vivências de Rua: sou invisível para você?” na Praça Augusto Severo. E eu simplesmente não conhecia nada sobre população de rua, sobre o movimento, não conhecia meus direitos como morador de rua. Hoje eu compreendo que foi bom aquele encontro na praça, tem sido muito bom esses encontros, porque hoje eu voltei a estudar, hoje eu estou com cinco cursos de capacitação pela UFRN, pela enfermagem, pelo SENAC. Hoje eu vejo outra perspectiva. Mas nós sabemos como é difícil quando estamos nas ruas, com uma auto estima lá embaixo, sem ver nada acontecer, muitas vezes as pessoas dizem: eu vou nada para a reunião do movimento, não dá em nada. Mas se nós não lutarmos, ai que vamos ser derrotados, se nós não agirmos, se nós não gritarmos, a nossa boca vai ser calada com mais força. Temos que mostrar quem somos. Somos população de rua somos, mas porque somos? Será que alguém vai investigar porque somos? Ou só oprimir? Será que nós como população de rua nós não temos inteligência? Tem muitas qualidades a população em situação de rua. Eu sai das ruas há cinco meses. Hoje eu vejo que não foi em vão entrar no Movimento Nacional da População em Situação de Rua, por isso que eu desejo que todos se envolvam cada vez mais, porque muitas vezes não vemos acontecer mesmo, porque aqui no Brasil infelizmente é assim, as coisas não acontecem do dia para o outro, tem que ser com muita luta, com muito suor, tem que ser com muita lágrima.



Ao narrar suas vivências nas ruas, o sujeito situa um conjunto de ações que retratam sua trajetória, enfatizando os vínculos de socialização, suas percepções e tomadas de atitudes perante a situação de estar vivendo nas ruas.

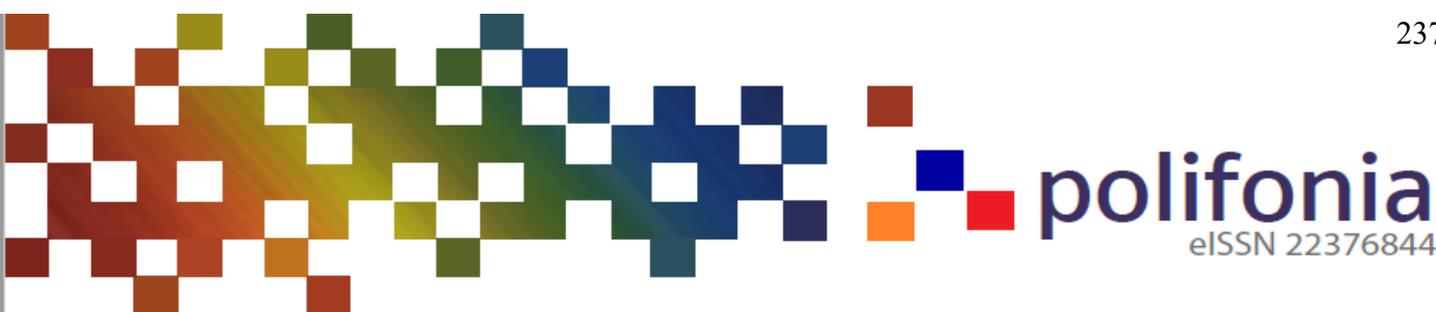
Por meio do posicionamento discursivo “Faz parte da população em situação de rua ainda a discriminação, a violência, o preconceito, a fome, porque ainda é um público invisível, infelizmente”, o autor se apropria do processo relacional “e” para identificar e caracterizar mais uma vez pessoas atingidas pelo fenômeno população em situação de rua como “um público invisível”.

Mesmo diante da invisibilidade com que é tratada a população em situação de rua, Semeador de Sonhos destaca uma postura de esperança, de filiação de vínculos de solidariedade ao estabelecer contato e interações com alguns segmentos sociais, postulando mudança em relação à maneira como a população é vista.

Esse modo de percepção de Semeador de Sonhos denota um posicionamento ideológico, quando interesses específicos são representados como interesses gerais (THOMPSON, 2002), e caminha em direção à mudança sociocultural, postura que representa o grau de contribuição que cada ator social se propõe a cooperar com as finalidades das relações sociais inerentes ao fenômeno população em situação de rua em Natal/RN.

A constatação revelada pode ser comprovada na passagem “Mas percebo que está mudando, aos poucos está mudando, tem gente aparecendo com uma visão diferente. Não foi fácil sair das ruas. Tudo começou quando há 02 anos, quando o pessoal do CRDH junto com a UFRN realizou um evento “Vivências de Rua: sou invisível para você?” na Praça Augusto Severo”. Essa constatação corrobora para o entendimento de que é na prática das relações sociais que os indivíduos se socializam e constroem suas identidades mediante suas tensões existenciais (BAJOIT, 2006). Frente a essas cadeias de socialização no contexto das ruas, Semeador de Sonhos explica para si seu mal-estar identitário, cria, então, uma narrativa do sujeito.

Essa percepção do sujeito, marcada pelo processo mental “percebo” em relação à mudança e a uma visão diferente por parte da sociedade, sobretudo, ao seu envolvimento com o evento promovido pelo Centro de Referência de Direitos Humanos (CRDH) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), constitui um marco importante que o impulsiona para um processo de reivindicação, expressão e luta de seus direitos, arquitetando



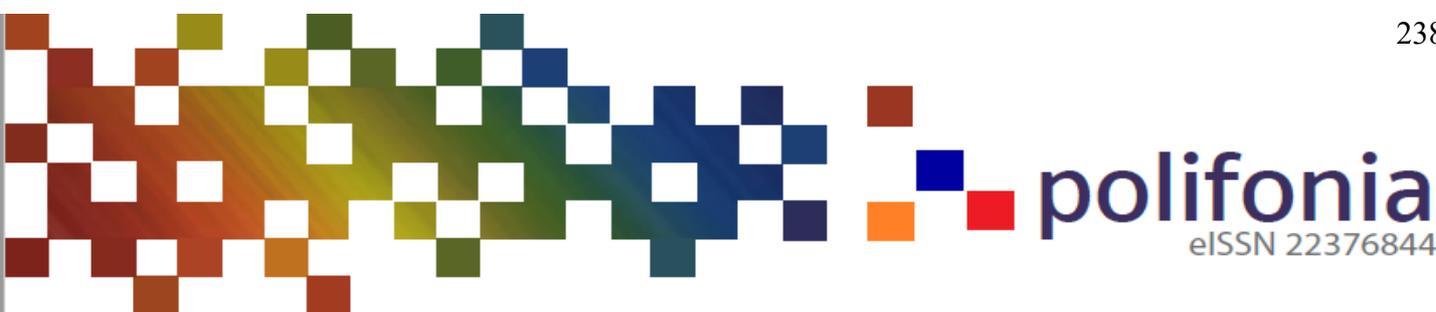
um trabalho de construção identitária que lhe garante uma nova maneira de encarar, agir e expressar aspirações e necessidades individuais e coletivas diante do fenômeno população em situação de rua.

Esse contexto de socialização é importante para que Semeador de Sonhos legitime relações de poder, ancoradas em estratégias de resistências, de emancipação e na adoção de mecanismos de empoderamento, posto que antes do evento estava desprovido de algumas condições que lhe permitissem um trânsito significativo junto ao movimento população em situação de rua, como bem destaca “eu simplesmente não conhecia nada sobre população de rua, sobre o movimento, não conhecia meus direitos como morador de rua”.

O contato com novas cadeias de socialização desperta nele expectativas relacionais, que marcam novas formas de interação, identificação e caracterização junto à população em situação de rua. A esse respeito, posiciona-se, destacando “Hoje eu compreendo que foi bom aquele encontro na praça, tem sido muito bom esses encontros, porque hoje eu voltei a estudar, hoje eu estou com cinco cursos de capacitação pela UFRN, pela enfermagem, pelo SENAC. Hoje eu vejo outra perspectiva”.

Voltar a estudar constitui uma forma de Semeador de Sonhos adotar uma perspectiva de emancipação, uma das possibilidades de libertá-lo das limitações que afetavam negativamente suas oportunidades de vida. Por meio do estudo, constituiu uma relação de poder que lhe permitiu romper as algemas do passado, permitindo, assim, uma atitude transformadora em relação ao futuro. Podemos inferir que o retorno ao processo de formação intelectual contribuiu para que gerisse novas cadeias de socialização, ancoradas em fatores cognitivos, materiais e afetivos. Esse fato permitiu-lhe a adoção de mecanismos de empoderamento, por exemplo, a obtenção de conhecimento.

Em seu posicionamento discursivo, Semeador de Sonhos, por meio do processo mental “compreendo”, experencia uma percepção positiva a respeito da influência dos momentos de interação em eventos sociais, frisando que hoje ele tem outra perspectiva. Esse processo de engajamento e de interação, com outros indivíduos e com a sociedade, contribuiu para a construção de sua identidade pessoal frente a sua vivência nas ruas, constituindo palco de diálogo, no qual foi capaz de dar sentido as suas condutas e promover mudanças em sua vida, apropriando-se de recursos emocionais (o apoio que ele sentiu em relação aos eventos que participou), os quais o conduziram à aquisição de recursos intelectuais (os cursos de



formação). Frente a esse contexto, podemos dizer que ele implementa recursos que lhe permitem executar atos libertadores, ou seja, sair do contexto de subjugação social e caminhar em busca de sua realização pessoal e reconhecimento social.

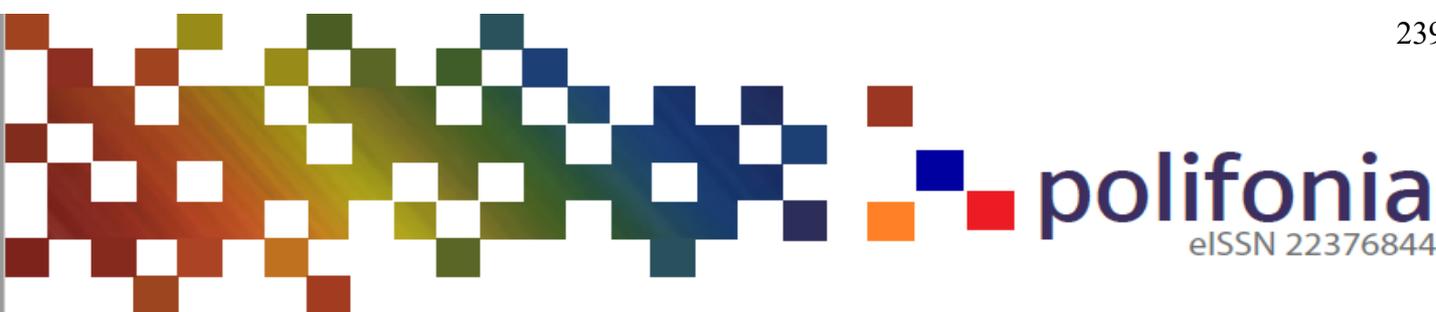
Os processos mentais “sabemos” e “ver” utilizados pelo sujeito focalizam uma percepção crítica em relação à ausência de políticas públicas destinadas às pessoas que se encontram em situação de rua, políticas que promovam a reintegração social desses indivíduos, amenizando seus sentimentos de abandono, incertezas que afetam autoestima.

Mesmo diante dessas circunstâncias, Semeador de Sonhos destaca a necessidade de as pessoas atingidas pelo fenômeno população em situação de rua assumirem uma postura de reivindicação em torno de suas carências e da defesa de seus direitos, agindo coletivamente, conforme enfatiza no conjunto de orações “Mas se nós não lutarmos, aí que vamos ser derrotados, se nós não agirmos, se nós não gritarmos, a nossa boca vai ser calada com mais força. Temos que mostrar quem somos. Somos população de rua somos, mas por que somos? Será que alguém vai investigar por que somos? Ou só oprimir? Será que nós como população de rua nós não temos inteligência?”.

As perguntas retóricas de Semeador de Sonhos revelam uma força argumentativa com foco na adesão das demais pessoas em situação de rua em prol dos seus direitos. As perguntas contribuem para fortalecer o sentido da identidade coletiva da população em situação de rua, permeado por um sentimento de pertencimento e luta (TEJERINA, 2010).

O posicionamento ideológico do autor da história caminha na direção de estabelecer, negociar e garantir compromissos que venham fortalecer estratégias políticas para o enfrentamento das agruras sociais e apartação social, vivenciadas pelos sujeitos em situação de rua. Essa visão crítica de Semeador de Sonhos é reveladora de uma postura reflexiva que o direciona a redefinir mais ou menos profundamente as suas relações sociais frente ao fenômeno população em situação de rua. Os questionamentos lançados pelo autor trazem a representação e a identificação de um sujeito engajado com a luta contínua pelos direitos sociais das pessoas em situação de rua.

Compreendemos que, nessas orações, os processos materiais “lutarmos”, “agirmos” e “gritarmos”, demarcando uma ação futura, cujo ator “nós” refere-se às pessoas em situação de rua, incluindo o próprio sujeito, mostram de que forma cada indivíduo deve orientar e dá sentido às suas condutas diante da situação em que se encontram como forma de construir as



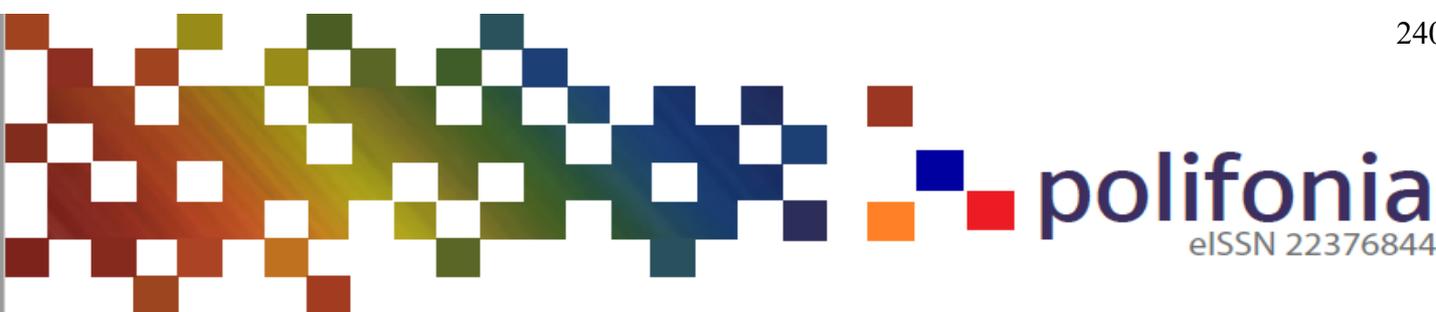
capacidades de ser sujeito de si mesmo, ou seja, as capacidades para agir sobre o condicionamento sociocultural, não se permitindo ficar omissos frente às amarras que fragilizam sua cidadania, às indiferenças por parte dos governantes.

Ainda sobre os questionamentos levantados por Semeador de Sonhos, podemos considerar que problematizam a realidade em que se encontram essas pessoas, mostram a inquietação do autor e trazem soluções possíveis para o enfrentamento das causas do fenômeno situação de rua. Dessa maneira, os processos materiais “lutarmos”, “agirmos” e “gritamos” apontam para a mobilização de estratégias, as quais devem ser realizadas coletivamente como forma de constituir forças contra-hegemônicas, alicerçadas sob o prisma de resistência, emancipação e empoderamento cidadão.

No mesmo conjunto oracional, Semeador de Sonhos ainda delinea um posicionamento discursivo de resistência às condições impostas a esses indivíduos, evocando uma ação coletiva no sentido de mostrar quem são e por que estão em situação de rua. Esse posicionamento é de fundamental importância para que eles possam enfraquecer relações de dominação, oriundas de sistemas econômicos e posturas socioculturais perpetuadas no seio da sociedade (FAIRCLOUGH, 2006; PEDROSA, 2014), enraizadas numa visão que tendem a tratá-los como vagabundos, sujeitos, loucos, perigosos, etc.

Nas narrativas do “eu” apresentadas, Semeador de Sonhos sinaliza uma articulação de práticas sociais relativas a sua situação de rua, destacando condutas que revelam constantemente seu engajamento em metas (individuais e coletivas) que o direcionam à realização pessoal e ao reconhecimento social, metas que podem ser traduzidas como sonhos, sonhos de um sujeito otimista, que mobiliza recursos (materiais e psíquicos) para alcançar aquilo que deseja frente às desigualdades sociais nas quais estão submetidas pessoas em situação de rua (BAJOIT, 2008). Nessa perspectiva, o autor constrói uma narrativa de perseverança, projetada no seu esforço constante para obter o que ele espera, mudar de vida, quer ser um sujeito de direito, que tem valor social e realização pessoal.

A partir da análise das narrativas do “eu”, que figuram a história de vida de Semeador de Sonhos, notamos que o autor manifesta ações, sentimentos, crenças, visões de mundo e valores que representam uma gestão relacional de si, um trabalho de construção de identidade individual de projeto e de resistência. Na sequência, passemos à análise da próxima história.



3.2 Batalhador

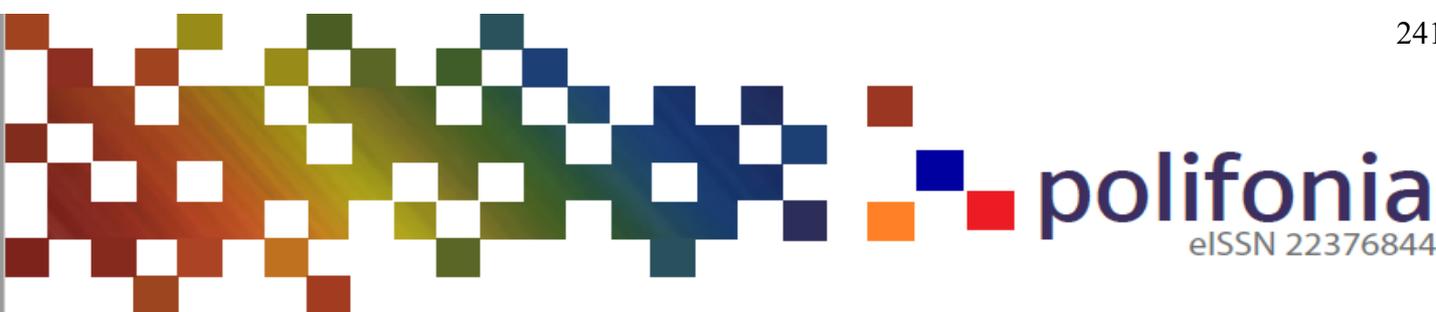
Meu nome é xxxxx, tenho 39 anos e sou daqui de Natal mesmo. Até os meus 16 anos vivi uma vida bem pacata. Mas, pela consequência da droga, fui para as ruas e essa foi uma parte decadente da minha vida. Hoje estou me reintegrando a sociedade novamente com meus esforços. Passei a frequentar um albergue, não dormir mais na rua. Hoje eu sou uma liderança da população de rua. Sou vice presidente da associação dos moradores de rua. Já me formei em cinco cursos. Depois de três anos do movimento, eu sinto que a gente só fica naquilo se quiser. Se a gente tem força de vontade, a gente sai da lama e vence o preconceito da população que nos olha com discriminação, que não vê que estamos vulneráveis. As pessoas passam e muitas vezes não entendem que somos seres humanos. A gente está numa situação de rua, mas não somos invisíveis. Nós somos humanos. Não somos lixo. Não podemos ser excluídos da sociedade.

A história de vida em tela traz como palavra-chave a expressão “força de vontade”, a centelha que está transformando a vida de Batalhador. É perceptível um posicionamento discursivo que pousa num olhar voltado às tensões existenciais do autor entrelaçadas à crise, anseio e perspectiva, movimentando o sujeito em busca da realização pessoal e do reconhecimento social ainda que ocorra timidamente na gestão que o autor operacionaliza em sua vivência em situação de rua.

Batalhador revela uma postura crítica em relação ao trabalho de construção identitária diante do fenômeno população em situação de rua, assumindo que o indivíduo deve se tornar, frente às barreiras impostas pela sociedade, o seu próprio agente de transformação, dito conforme Bajoit (2006, 2008, 2012), indivíduo sujeito de si mesmo. Ao colocar na cena discursiva de sua história o motivo pelo qual se encontra em situação de rua, Batalhador está diante da construção de uma narrativa do “eu” de conscientização (BAJOIT, 2012), sinalizando um hábito que fragilizou sua vida.

Na oração “Hoje estou me reintegrando a sociedade novamente com meus esforços”, os termos circunstanciais “hoje” e “novamente”, na posição de grupos nominais no contexto oracional, acompanhados do processo relacional “estou me reintegrando”, demarcam um estado/ação de busca pela integração à sociedade, ou mesmo grupos sociais, enfatizado pela expressão “com meus esforços”, outro grupo nominal que circunstancia a ação do autor, evidenciando a maneira pela qual caminha em busca da sua reinserção social.

A expressão nominal “com meus esforços” nos traz a representação de que o autor empreende um padrão de conduta que denota a sua capacidade de ser sujeito de si mesmo,



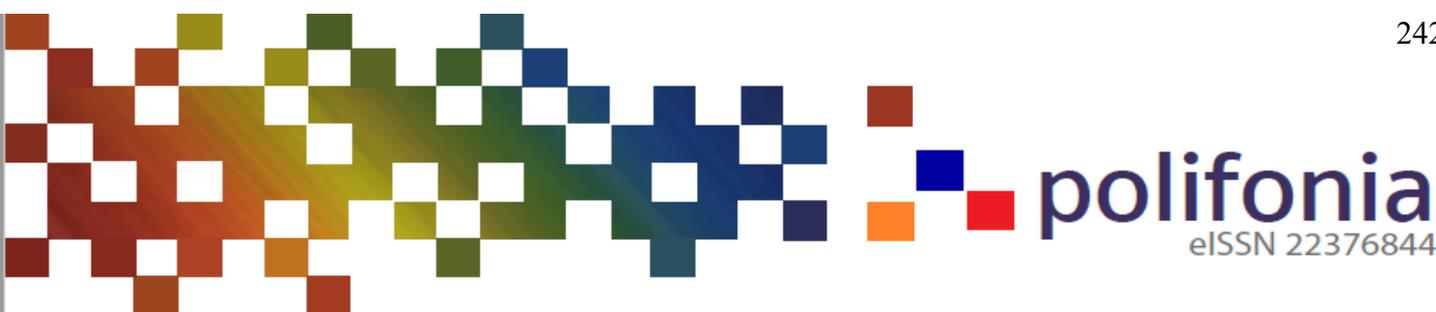
pressupondo um trabalho de consciência do indivíduo. Batalhador, dado seu mal-estar identitário por estar nas ruas sem condição de sobrevivência digna, perante a denegação social, projeta o que ele considera fazer para aliviar sua tensão existencial.

A identificação e caracterização que Batalhador faz sobre si perante o fenômeno população em situação de rua, experienciada por meio do processo relacional “sou” associado aos identificadores “uma liderança da população de rua” e “vice-presidente da associação dos moradores de rua” constituem uma identidade positiva para o autor, posto que assumir esses papéis implica uma adesão do grupo, de outras pessoas representadas por ele, assumindo compromissos consigo e com o outro no movimento de batalha pelos seus direitos e uma vida social digna.

No complexo oracional “Depois de três anos do movimento, eu sinto que a gente só fica naquilo se quiser. Se a gente tem força de vontade, a gente sai da lama e vence o preconceito da população que nos olha com discriminação, que não vê que estamos vulneráveis”, o sujeito inicialmente por meio do processo mental “sinto” destaca uma percepção que pressupõe orientar e estimular suas ações diante de sua vivência nas ruas, revelando uma atitude de enfrentamento, encorajamento e determinação, a qual deve estar revestida de força de vontade por parte do indivíduo que é vítima da situação de rua, rompendo e vencendo o olhar preconceituoso da sociedade.

A passagem textual “Não podemos ser excluídos da sociedade” demarca a priori uma consciência de que pessoas em situação de rua fazem parte da sociedade, são indivíduos que têm direitos e deveres, são pessoas que devem ter por garantia a realização plena de seu exercício de cidadania. A negativa “não” contribui para asseverar essa consciência, dirimindo qualquer ordem de exclusão. A escolha lexical “não” assume um papel fundamental para carregar de significado o processo mental “podemos ser”, o qual faz uma referência direta a consciência do autor, revelando o que ele sente, pensa, percebe e deseja considerando sua situação de rua.

A história de vida narrada por Batalhador nos revela um sujeito que entrelaça o desejo da realização pessoal junto ao de reconhecimento social quando se engajou em um “destino social”, a saber, assumir um papel de liderança no movimento população em situação de rua, procurando batalhar pelos seus direitos e de outros indivíduos que sofrem da denegação social por estarem vivendo em situação de rua.



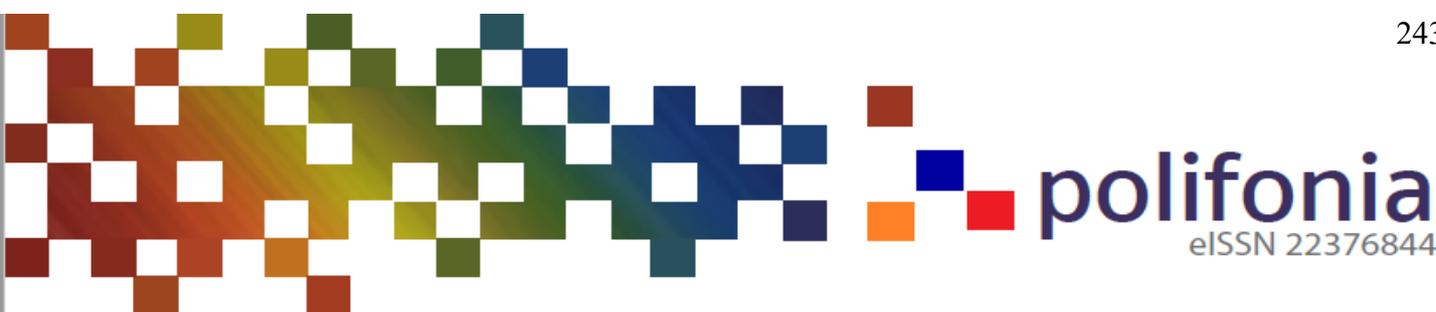
Assim, a história nos aponta também uma narrativa do “eu” de perseverança, posto que Batalhador mostra-se ser um sujeito que tem força e empenha esforço para obter o que espera, ou seja, uma vida digna, de oportunidades, de menos preconceito social e atravessada de valores que são reconhecidos socialmente.

As narrativas do “eu” tecem uma identidade de projeto e uma identidade de resistência. De projeto porque o autor revela apodera-se de recurso que reflete mudança em sua vida, por exemplo, a busca pelo conhecimento, o engajamento com a coletividade população em situação de rua, constituindo uma experiência que emancipa e fortalece uma visão crítica e cidadã. De resistência porque o sujeito, por ter uma visão crítica, mostra um posicionamento discursivo que tende a deslegitimar a circulação social de uma identidade negativa para as pessoas em situação de rua. Esse fato corrobora para um posicionamento ideológico atravessado por uma relação de poder-influência.

4 Considerações Finais

Acreditamos que esta pesquisa contribui com a agenda científica da LA no sentido de alicerçar novas descobertas científicas direcionadas ao estudo da linguagem enquanto prática social, especialmente, àquelas vinculadas ao fenômeno população em situação de rua, redescrivendo/reescrivendo a identidade de sujeito social atingido por esse fenômeno ao compreendê-lo como heterogêneo, fragmentado e fluido, historicizando-o (MOITA-LOPES, 2006). Também apresenta contribuição ao campo de investigação discursiva ACD por postular lentes que buscam fortalecer as investigações sobre identidades, as quais corroboram para a relação de transdisciplinaridade com outras áreas do saber especificamente nesta investigação a Sociologia para Mudança Social.

A apresentação da discussão científica voltada à construção de identidades individuais de pessoas em situação de rua em Natal/RN, à luz dos processos de socialização e percepções dessas pessoas, constitui um potencial discursivo que caminha na direção da promoção de mudanças socioculturais atreladas ao fenômeno população em situação de rua, posto que as histórias analisadas são tratadas como produtos discursivos direto dessas pessoas, que, na forma de posicionamentos ideológicos, alicerçam vozes contra-hegemônicas.



Esse fato pode promover uma mudança discursiva, afetando sistema social, sociedade e poderes governamentais, contribuindo para a superação de assimetrias sociais.

Portanto, neste artigo, as reflexões científicas tendem a contribuir com o debate sobre população em situação de rua, no sentido de dissolver e dirimir representações sociais pejorativas para pessoas em situação de rua no contexto potiguar, posto que abarca elementos preciosos à compreensão da identidade individual desses indivíduos, fortalecendo suas vozes rumo à conquista de seu empoderamento cidadão e à promoção de uma vida social digna e respaldada nos pilares da igualdade.

Referenciais

BAJOIT, G. *El cambio social, análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporâneas*. Madrid: Siglo, [2003]2008.

_____. *La Tiraniádel “grand ISA”*. Rev Cultura y representações sociais. Ano 3, No 6, março de 2012, p. 9-24. Disponível: <<http://www.culturayrs.org.mx/revista/num6/Bajoit.pdf>> Acessado em: 10 de maio de 2020.

_____. *Tudo Muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

CASTRO ZAMBRANO, R. *La conceptualización de pueblo en los discursos presidenciales de Hugo Chávez y Evo Morales*. 2015. Disponível em: <<http://www.ascd.com.br/>>. Acesso: 10 de maio de 2020.

CUNHA, M. A.; SOUZA, M. S. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

_____. *Discurso and Social Chance*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. *Language and globalization*. London; New York: Routledge, 2006.

_____. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001[1992].

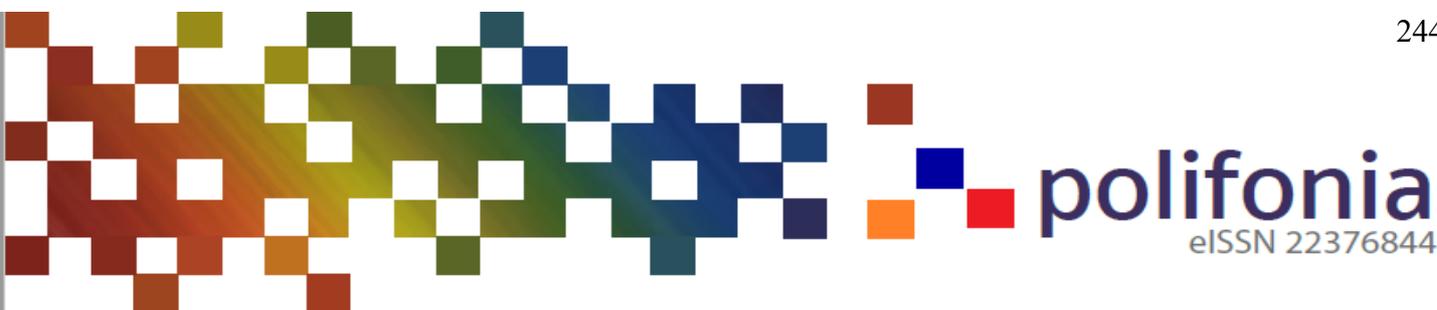
FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à Gramática Sistemico-Funcional em Língua Portuguesa*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*, London: Edward Arnold, 1985.

_____. *Na introduction to functional grammar*. 2ª ed. London: Arnold, 1994.

_____. MATTHIESSEN, C. M. I. M., *Introducion To Functional Grammar*. 3ª ed. London: Arnold, third edition, 2004.

MAGALHÃES, C. A Análise Crítica do Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, C. (Org.). Reflexões sobre análise crítica do discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 15-30.



MOITA LOPES, L. P. de. *Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*. In: MOITA LOPES, L. P. de. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. *Linguística Aplicada na Modernidade Recente*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

PEDRO, E. R. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1998.

PEDROSA, C. E. F. *Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: uma proposta para análise crítica do discurso*. In: SÁ JÚNIOR, L. A.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs). *Práticas Discursivas e Ensino de Língua(gens)*. Vol VI: Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino. Natal: EDUFRN, 2014, p. 15-58.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

TEJERINA, B. *La sociedade: movimentos sociais e mudança cultural na Espanha imaginada*. Madri: Editorial Trotta, 2010.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.